



PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)



PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof^ª Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
 Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
 Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 Prof^ª Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
 Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^ª Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
 Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
 Prof^ª Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
 Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof^ª Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
 Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
 Prof^ª Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
 Prof^ª Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
 Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
 Prof^ª Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
 Prof^ª Dr^a Natéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^a Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
 Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^a Angéli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
 Prof^ª Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
 Prof^ª Dr^a Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
 Prof^ª Dr^a Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
 Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
 Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof^ª Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
 Prof^ª Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
 Prof^ª Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof^ª Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
 Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
 Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
 Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
 Prof^ª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
 Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
 Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
 Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
 Prof^ª Dr^a Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
 Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
 Prof^ª Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Prof^ª Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
 Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
 Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Prof^ª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
 Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^a Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof^ª Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
 Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
 Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
 Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
 Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
 Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
 Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
 Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
 Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
 Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof. Me. Gustavo Krahel – Universidade do Oeste de Santa Catarina
 Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
 Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
 Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
 Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
 Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
 Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
 Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
 Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembí Morumbi
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
 Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
 Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
 Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
 Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
 Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Psicologia: trabalho e sociedade, cultura e saúde

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
P974	Psicologia: trabalho e sociedade, cultura e saúde / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5983-268-2 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.682210707 1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título. CDD 150
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou permite a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Psicologia: Trabalho e Sociedade, Cultura e Saúde*, reúne em seu primeiro volume, dezoito artigos que abordam diversas temáticas no que diz respeito às questões fundamentais da Psicologia na contemporaneidade.

A psicologia enquanto ciência retoma muitas iniciativas tanto da filosofia quanto da fisiologia, que desde a antiguidade tenta se ocupar, com reservas, das tramas, conflitos, funcionamento e atitudes internas e “mentais” do homem. Nessa veia, os laboratórios germânicos surgem para descrever e tabular esses comportamentos internos do homem e tornar explícitos os mecanismos que levam ao funcionamento mais íntimo da vida humana.

No entanto, a psicologia enquanto profissão gasta ainda um tempo para se lançar tímida ao mundo. Apesar dos laboratórios, dos testes franceses iniciados por Janet e outros, é possível marcar o início da profissão do psicólogo na virada do século XIX, nos Estados Unidos.

Mas vale lembrar que a profissão em torno da Psicologia, não se limitou apenas aos atos clínicos. Da criação de testes, ao estudo laboratorial do comportamento humano, uma infinidade de novas práticas se somaram para compor o cenário único do universo psicológico.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ESCRITURA E A IMPLICAÇÃO NO TRABALHO DE PESQUISA

Cinthia Lucia de Oliveira Siqueira

Joao Batista Martins


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107071>

CAPÍTULO 2..... 14

“NINGUÉM NUNCA FICARÁ ENTRE”: A DINÂMICA E ESTRUTURA DA PSICOSE EM BATES MOTEL

Débora Maria Biesek

Samanta Antoniazzi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107072>

CAPÍTULO 3..... 28


DEPRESSÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Mylena Menezes de França

Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello

Silvana Barbosa Mendes Lacerda


Elvira Daniel Rezende

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107073>

CAPÍTULO 4..... 40

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A CIRCULAÇÃO DA PALAVRA NA EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE LEITURA PALAVRAS LIVRES EM UM PRESÍDIO


Luciane Maria Ribeiro da Cruz Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107074>

CAPÍTULO 5..... 48

O CONTO COMO RECURSO PSICOPEDAGÓGICO


Maria Creusa Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107075>

CAPÍTULO 6..... 58

SER (LOUCO) OU NÃO SER: EIS A QUESTÃO

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107076>

CAPÍTULO 7..... 61

BARALHO DO SONO: UM RECURSO PSICOEDUCATIVO PARA PAIS E FILHOS

Camila Espíndula da Silva


Francielle Silva Ferreira Zago

Suélen Rocha Centena Pizarro

Anelise Abascal Pastorini Brião

Giuliana Tort de Oliveira


Lenise Alvares Collares
Stefânia Martins Teixeira Torma
Suzana Catanio dos Santos Nardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107077>

CAPÍTULO 8..... 74

A EDUCAÇÃO E A PROFISSIONALIZAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM PERIFERIAS URBANAS


Aida Guerreiro de Oliveira
Edicléa Mascarenhas Fernandes
Elizabeth Rodrigues de Oliveira Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107078>

CAPÍTULO 9..... 86

DESEMPENHO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO EM TAREFAS DE FUNÇÃO MANUAL, LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

Larissa Soares Silva
Stefanie Pischel
Andressa Gouveia de Faria Saad
Silvana Maria Blascovi-Assis
Cibelle Albuquerque de La Higuera Amato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107079>

CAPÍTULO 10..... 102

O TRANSTORNO DE DEFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: CONCEITUAÇÃO E BREVE PERCURSO HISTÓRICO


Danielly Berneck Côas Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070710>

CAPÍTULO 11..... 115

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA DEMOCRÁTICA

Amanda Luiza Weiler Pasini
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070711>

CAPÍTULO 12..... 123

O RELACIONAMENTO ENTRE FILHOS E PAIS/CUIDADORES É O INGREDIENTE ESSENCIAL E ATIVO

Lucena Albino Muianga


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070712>

CAPÍTULO 13..... 137

AS CONTRIBUIÇÕES DA INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO ÂMBITO DA ESCOLA PÚBLICA: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Marileudi Moreira Garcia
Yloma Fernanda de Oliveira Rocha


Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070713>

CAPÍTULO 14..... 150

O QUE PODE O CORPO FEMININO EM SUAS MÚLTIPLAS POTENCIALIDADES?

Lígia Christine Pereira Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070714>

CAPÍTULO 15..... 161

ECONOMIA SOLIDÁRIA, TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO e PROTAGONISMO FEMININO: (SOBRE)VIVÊNCIAS E DESIGUALDADES

Ana Beatriz Trindade de Melo

Carlúcia Maria Silva

Gilberto Braga Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070715>

CAPÍTULO 16..... 174

IMPASSES NA EFETIVAÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA

Andressa de Lima Pinheiro

David Marconi Polônio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070716>

CAPÍTULO 17..... 185

PSICOLOGIA POSITIVA: POTENCIALIDADES HUMANAS EM SUJEITOS TRANSEXUAIS

Guilherme Faquim Simão

Maria Jaqueline Coelho Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070717>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 201

ÍNDICE REMISSIVO..... 202

CAPÍTULO 1

A ESCRITURA E A IMPLICAÇÃO NO TRABALHO DE PESQUISA

Data de aceite: 01/07/2021

Cinthia Lucia de Oliveira Siqueira

<http://lattes.cnpq.br/2352604217505279>

Joao Batista Martins

<http://lattes.cnpq.br/7587961858186588>

<https://orcid.org/0000-0002-1072-4227>

RESUMO: Este trabalho pretende discorrer sobre a experiência de escritura de uma tese de doutorado. Nosso objetivo é explicitar o estilo de escrita enquanto revelador de nosso grau de implicação com a pesquisa, conforme sugerem autores como Martins (2017), Gilbert (2001), Ardoino (1995), Benjamin (1994), Lourau (1993). Diferente de uma linguagem acadêmica formal permitimo-nos a adoção de um gênero mais poético e, apoiados nas ideias de Barthes (1978) ao invés de direcionar nossas observações a uma dimensão lógica, cognitiva ou social, buscamos perseguir a complexidade simbólica experienciada no campo, porque compreendíamos o conhecimento como uma produção estética. Desta maneira, durante a pesquisa participante que realizamos com um grupo de idosos matriculados nas disciplinas de literatura e teatro de uma universidade aberta à terceira idade, constituímos uma vivência de trabalho e sentimos necessário nos prestar a essa vivência a partir de uma narração que contemplasse as dimensões subjetivas implicadas na mesma. O resultado foi um texto cujo estilo, teor e formato mantiveram-se diretamente relacionados com a clareza que

tínhamos de nossa implicação. Acreditamos que nossa vivência ajuda a pensar a escrita acadêmica na direção da originalidade, da singularidade e da honestidade do pesquisador – o que entendemos ser um ganho tanto científico quanto social, especialmente porque contempla o conhecimento enquanto um agradável e significativo encontro entre afeto, conhecimento e poesia – verdadeira festa do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Implicação, escrita acadêmica, pesquisa participante.

SCRIPTURE AND IMPLICATION IN RESEARCH WORK

ABSTRACT: This paper aims to discuss the experience of writing a doctoral thesis. Our goal is to make explicit the writing style as revealing of our degree of implication with the research, as suggested by authors such as Martins (2017), Gilbert (2001), Ardoino (1995), Benjamin (1994) and Lourau (1993). Unlike a formal academic language, we allow the adoption of a more poetic genre and, based on the ideas of Barthes (1978) instead of directing our observations to a logical, cognitive or social dimension, we seek to pursue the symbolic complexity experienced in the field, because we understood knowledge as an aesthetic production. In this way, during the participatory research that we carried out with a group of elderly people enrolled in the literature and theater disciplines of an open university of the third age, we constituted a work experience and felt it necessary to provide this experience from a narration that contemplated the dimensions involved in it. The result was a text whose style, content and format remained directly related to

the clarity we had of our implication. We believe that our experience helps to think of academic writing in the direction of the originality, the singularity and the honesty of the researcher - what we consider to be a scientific and social gain, especially since it contemplates knowledge as a pleasant and meaningful encounter between affection, knowledge and poetry - true feast of knowledge.

KEYWORDS: Implication, academic writing, participant research.

ESCRITURA E IMPLICACIÓN EN LA INVESTIGACIÓN

RESUMEN: Este trabajo pretende discurrir sobre la experiencia de escritura de una tesis de doctorado. El objetivo es explicitar el estilo de escritura como revelador de nuestro grado de implicación con la investigación, como sugieren autores como Martins (2017), Gilbert (2001), Ardoino (1995), Benjamin (1994), Lourau (1993). A diferencia de un lenguaje académico formal nos permitimos la adopción de un género más poético y, apoyados en las ideas de Barthes (1978) en lugar de dirigir nuestras observaciones a una dimensión lógica, cognitiva o social, buscamos perseguir la complejidad simbólica experimentada en el campo, porque comprendíamos el conocimiento como una producción estética. De esta manera, durante la investigación participante que realizamos con un grupo de ancianos matriculados en las disciplinas de literatura y teatro de una universidad abierta de la tercera edad, constituimos una vivencia de trabajo y sentimos necesario darnos a esa vivencia a partir de una narración que contemplara las vivencias las dimensiones subjetivas implicadas en la misma. El resultado fue un texto cuyo estilo, contenido y formato se mantuvieron directamente relacionados con la claridad que teníamos de nuestra implicación. Creemos que nuestra vivencia ayuda a pensar la escritura académica en la dirección de la originalidad, de la singularidad y de la honestidad del investigador- lo que entendemos ser una ganancia tanto científica y social, especialmente porque contempla el conocimiento como un agradable y significativo encuentro entre afecto, conocimiento y poesía - verdadera fiesta del saber.

PALABRAS CLAVE: Implicación, escritura académica, investigación participante.

1 | INTRODUÇÃO

Como em todo o trabalho de pesquisa, o momento de escrever por vezes torna-se árduo, especialmente por conta das formalidades acadêmicas que delineiam certos protocolos a serem seguidos. Diferente de um texto literário, em que há uma licença poética mais declarada, o texto de pesquisa requer uma linguagem de maior rigor, o que a nosso ver pode representar certo risco de distanciamento e esfriamento da relação entre pesquisador e pesquisado – gerando um possível descompasso entre o que se sente/ou se percebe e o que se escreve, se redige.

É como se falar de nosso trabalho fosse muito mais vivo do que dele escrever, justamente porque ao nos lançarmos à escritura temos a preocupação com a forma e, por vezes, endurecemos.

Foi diante desse descompasso que, na escritura de nossa pesquisa¹, na qual

¹ Pesquisa de doutorado na área de psicologia social.

acompanhamos um grupo de idosas matriculadas nas disciplinas de literatura e teatro dentro do contexto de uma universidade aberta à terceira idade (UATI), sentimos o desejo de adotar um estilo textual que fosse capaz de explicitar nosso lugar, nossa implicação com a temática. Na experimentação de uma linguagem livre e singular, deixamo-nos capturar pelas reminiscências de nossos afetos e apresentamos nossos dados como quem conta comovente história a um amigo.

Arriscamos um texto mais fluido, mais leve, que contemplasse também a dimensão poético-simbólica e que pudesse revelar não apenas nossas reflexões no campo cognitivo, mas principalmente e, especialmente, nossas implicações no campo afetivo.

Nesse sentido, este trabalho apresenta a vivência de escritura de uma tese de doutorado em que nos posicionamos enquanto contadores de histórias – da história de quem pesquisa, da história de quem é pesquisado, da história do encontro entre estes dois enredos e tantos outros que permeiam as teias de um pesquisador. E como sugere Benjamin (1994), por se tratar de uma narrativa, os relatos da pesquisa não pretenderam transmitir o “puro em si” da coisa narrada - da vivência de campo, como uma informação ou um relatório, mas sim mergulhar os fatos observados na vida da pesquisadora. Semelhante à mão do oleiro na argila do vaso, buscamos imprimir em nossa narrativa a marca da narradora.

Seguimos então um estilo de escrita que brotou de nosso encontro com o campo de pesquisa - na relação intersubjetiva e, conforme indica Ardoino, Barbier e Just-Desprairies (1998), o nosso objeto fez-se ao mesmo tempo sujeito, uma vez que, a construção do conhecimento aconteceu através do aceite da implicação e da transformação daquilo que se pretendia conhecer.

Importante salientar que não tínhamos clara essa implicação antes da escritura. Foi somente durante a própria redação do texto e a vivência das reminiscências a que ela remetia, que o estilo foi sendo configurado. É que conforme tomávamos contato com o estado da Arte na área de nossa pesquisa, o campo se fazia mais vivo, as experiências adquiriam novo sentido e causava angústia precisar guardar a experiência para um item específico. O orientador autorizou – Seja feliz. Escreva o que tiver vontade e na ordem que desejar. Depois vemos o que fazer...

E assim fizemos - habituada à contação de histórias, iniciamos nossa narrativa de pesquisa como se estivesse partilhando com alguém muito próximo uma experiência que merecia ser contada e, ao longo de todo o texto, dialogando com os autores pesquisados, fomos entremeando impressões e sensações a partir do que se vivia no campo. Desta maneira, nosso trabalho aventurou-se na liberdade de escrita em que procuramos não nos descuidarmos das exigências teórico-metodológicas, mas nos permitimos construir um trabalho que fosse ao encontro daquilo que vibrava.

Justamente porque estávamos gostando de viver o campo, deixamo-nos levar por sensações que, de início, eram mais fortes que intelecto, projeto e estruturas. Tal

percurso simbólico, por vezes, nos remetia à própria relação de pesquisa, com a temática e com os idosos de nossas vidas, que compareciam fulgurados conforme pensávamos a velhice e que ajudaram a compor os sentidos sobre toda essa experiência.

Diante do exposto, o objetivo de nosso relato é contribuir com a perspectiva de uma metodologia comprometida com a unidade do vivido – em que tanto pesquisador como pesquisado possam ressignificar a si, ao campo, aos sujeitos estudados – à própria pesquisa, porque implicados entre si o que torna o vivido, não um mundo à parte, mas a trama de todo o percurso.

2 | SOBRE A METODOLOGIA

Escrever metodologia não é tarefa fácil pois o método nunca calça o pé da pesquisa na devida medida e, vez ou outra, para evitar o incômodo do calo, se faz do método um segredo que os pesquisadores deixam guardado no armário. É que há dias mais claros, feitos para um chinelo de dedo mesmo e outros nebulosos, que pedem sapato fechado, meia e polaina. Não é possível amarrar o cadarço todas as vezes que saímos a campo, porque andar descalço, aqui ou ali, nos traz a despreensão e a leveza solicitadas à observação do pormenor mais pitoresco e extraordinário. É de shorts e regata que nos encantamos com a poesia da paisagem – dificilmente de salto ou gravata.

Porém, quando o convite demanda “traje a rigor”, não temos escolha, se quisermos saborear o bolo do casamento, é preciso vestir longo. Até porque, já confirmamos presença e, neste momento, comprometemo-nos com o ritual.

Escolhemos a pesquisa acadêmica e sabíamos de antemão que a vestimenta teria que sair do casual, do lugar comum, do trivial. Para adentrar no salão de festas sem constrangimento é conveniente estar a caráter e recomendável dominar alguns passos de valsa com antecedência a fim de não tropeçar, derrapar, ou pisar em pé alheio por descuido.

Entendemos que não se dança a pesquisa sem o ensaio de um ritmo metodológico consolidado, capaz de fornecer a coreografia adequada à apreensão da essência de um fenômeno.

Admitíamos, de um lado, que o movimento das estudantes da UATI que pretendíamos conhecer certamente mostrava-se apenas em parte – o que acabava por confundir o entendimento do fenômeno a estudar, de outro, acreditávamos que era precisamente a entrada neste movimento que nos permitiria desvendar e acompanhar suas coreografias.

Como artesãos de culinária, afundamos a concha até o fundo da panela, e fomos trazendo o caldo de lá para a superfície e dela para o fundo. Procuramos mexer bem para não encruar. Escolhemos retirar a tampa conforme o molho apurava, porque o cheiro da sopa já anunciava fome de conhecimento logo que os dados levantaram fervura e queríamos provar o tempero, sentir a textura, testar o ponto dos legumes, antes mesmo da

receita pronta.

Fomos aprimorando o paladar do alimento ao mesmo tempo em que o alimento foi nos tornando melhores cozinheiros – uma relação de mútua afetação – enquanto observamos, participamos; enquanto cozinhamos, transformamos o cru no cozido, o insosso no apetitoso e, na manipulação do alimento, de cozinheiros tornamo-nos degustadores.

Para organizar nosso trabalho escolhemos um caminho didático pouco usual - iniciamos pela metodologia, porque precisávamos esclarecer, logo de início, que nosso texto buscou alcançar a complexidade da experiência no campo, já que a pesquisadora se fez implicada na pesquisa como participante e observadora.

Fomos entremeando a experiência com a teoria ao longo de toda narrativa, porque tínhamos reduzir o teor de nossas observações se a deixássemos para o final e porque sabíamos que corríamos o risco de perder *insights* valiosos caso não o fizéssemos no momento em que as situações nos afetavam.

Ao invés de deixarmos um capítulo à parte para a análise de nossos registros de campo, narramos considerações ao longo de todo o texto, as quais advinham da relação com as idosas estudadas, do envelhecimento de um modo geral e de nossa própria experiência com o envelhecer – vivências que constituíram uma prática de intersubjetividade e intertextualidade, em que nós, sujeitos do enunciado, nos misturávamos com os sujeitos da enunciação. Isso porque, ao longo do trabalho, soubemos mais de nossas percepções sobre a velhice do outro e de nós mesmos.

Ao dar existência escritural às vivências do campo, tomamos a experiência de nossos sujeitos como matéria prima para a reflexão e compreensão de nossas próprias vidas - que em última instância, foi reveladora de nossa implicação com a temática, implicação esta que sentimos o desejo de explicitar ao longo da narrativa. O resultado foi um texto cujo estilo, teor e formato mantiveram-se diretamente relacionados com a clareza que tínhamos desta imbricada relação – pesquisador/pesquisado.

2.1 Escolha da narrativa poética

No intuito de sermos fiéis aos nossos afetos de pesquisa, durante a escritura de nosso trabalho nos permitimos a adoção de uma estética de texto mais poética. Ao invés de direcionar nossas observações a uma dimensão lógica, cognitiva ou social, buscamos perseguir a complexidade simbólica experienciada no campo, porque compreendíamos o conhecimento como uma produção estética. Da afetação entre pesquisador e pesquisado constituímos uma vivência de trabalho e sentimos necessário acolhê-la a partir de uma narração que contemplasse as dimensões subjetivas implicadas em tal vivência.

Entretanto, essas implicações que vivenciamos ao longo do processo, muitas vezes, não encontraram no significado literal da palavra o arcabouço para expressar a complexidade e a multiplicidade dos vários sentidos que permearam a relação entre pesquisador e pesquisado. Para superar tal situação, utilizamos recursos metafóricos e

metonímicos de escrita, os quais ambicionaram abrir um campo de possibilidades mais extenso e diverso e, por isso, mais coerente com o caminho que desejávamos.

Tais recursos, ora aproximaram-se mais da linguagem literária ora da acadêmica, na maior parte das vezes uma mescla de ambas, porque entendíamos que para expressar nossas percepções e envolvimento na pesquisa, ao invés de apenas utilizar a língua, mais valia encenar a linguagem – engrenar o saber no rolamento da reflexividade infinita. Tal como Barthes (1978), sentíamos que através da escritura, o saber refletia incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não era mais epistemológico, mas dramático.

Para o autor, o que a escrita literária (ou escritura) coloca à frente não é o real e a fantasia, a objetividade e a subjetividade, o verdadeiro e o belo, mas tão somente lugares diferentes de fala. De acordo com o autor, “segundo o discurso da ciência — ou segundo certo discurso da ciência — o saber é um enunciado; na escritura, ele é uma enunciação” (Barthes, 1978:19).

Explica ele que, na linguística, o enunciado está relacionado ao produto de uma ausência de enunciador, diferente da enunciação que expõe o lugar e a energia do sujeito, muitas vezes a falta deste, que, neste caso, não é sua ausência. A enunciação seria o próprio real da linguagem porque ela reconhece a língua enquanto um “imenso halo de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas, de rodeios, de repentes; ela assume o fazer ouvir um sujeito ao mesmo tempo insistente e insituável, desconhecido e, no entanto, reconhecido” (Barthes, 1978:20).

O que o autor nos aconselha é escrevermos segundo a verdade do desejo – tantas linguagens quantos desejos houver. Seguimos nossa vontade e, algumas vezes, transportamos nosso texto para onde não era esperado, instituindo certa anarquia linguageira – colocando o texto numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas da segurança do discurso acadêmico, distraidamente, rebentaram.

2.2 Afetos e implicação na pesquisa

Compreendemos, a partir de Martins (2017), que é preciso considerar uma dimensão da pesquisa que está para além do que os procedimentos metodológicos podem abarcar, porque inefável - há momentos em que precisamos retirar inclusive o chinelo de dedo, para sentir o frescor da areia úmida que esvai pelos dedos e provoca cócega ao mesmo tempo em que afunda o pé até cobrir-lhe por inteiro quando então temos um não pé e um não chão – apenas a areia deformada pela pisada – experiência que nos leva para “os caminhos das incertezas e do inacabamento, condições impensáveis na ótica de uma epistemologia tradicional” (Martins, 2017:496).

São elementos da subjetividade que, conforme salientam Martins e Palmiéri (2008), representam os mecanismos através dos quais são constituídos os processos emocionais que emergem na/da relação entre o pesquisador e o pesquisado. Tais processos indicam que nesta relação há implicação, pois os sujeitos envolvidos carregam um contexto sócio-

histórico-cultural que não se deixa em casa, nem se destaca no momento da pesquisa, mas que atuam na produção de conhecimento, sendo parte constituinte e instituinte dela.

Lourau (1993, p.18) já dizia que “o vivido não é um mundo à parte, mas a trama da pesquisa como da formação e de todas as nossas atividades, diurnas ou noturnas”. Desta maneira, podemos pensar que o rompimento com a lógica cartesiana de pesquisa amplia a grandeza da mesma para a unidade do vivido porque “circunscreve o discurso de um sujeito falante, tanto para aquele que se diz pesquisador como para aquele que é olhado como objeto, libertando o homem da sua condição de objeto” (Martins, 2017:496).

No entanto, ainda que compreendamos a necessidade de uma metodologia que aceite as vicissitudes da subjetividade, como tratar a situação de pesquisa? Como referenciar e analisar os dados? Como não cair na tentação da mecanizada tradição da pesquisa – recortando, decompondo, dividindo e reduzindo nossos dados, nossas situações e observações em elementos mais simples?

Ardoino (1995) sugere que cheguemos a unidades de compreensão e acompanhamento dos fenômenos vivos e dinâmicos, tratando-os em sua complexidade e Martins e Palmiéri (2008) esclarecem que essa complexidade não está no objeto que se observa, mas na maneira de se olhar para esse objeto, na maneira como abordamos o fenômeno.

Nosso receio e talvez herança de pensamento e formação cartesiana, era derraparmos em conversa sem valor científico, pois como afirma Gilbert (2001, p. 3), “ao se buscar uma pesquisa de cunho mais qualitativo, nosso processo de coleta e análise de dados pode ser visto como questionável, despojado do rigor necessário à pesquisa científica”.

Diante da preocupação em camuflar nossa implicação afetiva, geralmente preferimos reservar as emoções para prefácio, apêndice ou nem citar – tamanho é o receio de tornarmos o trabalho inadequado, afinal, no percurso histórico da construção do fazer científico, “foi dada muita ênfase aos perigos das emoções e à cautela necessária ao longo do processo de pesquisa” (Gilbert, 2001:7).

Isso porque, de acordo com a autora, na epistemologia ocidental a emoção é vista com desconfiança e até hostilidade a ponto de sermos encorajados a controlar ou mesmo suprimir reações afetivas “mas essa ‘remoção’ das emoções do processo de pesquisa não significa que as emoções não estão presentes nem garante que as emoções ocultas não afetam o processo de pesquisa” (Gilbert, 2001:10). Segundo a autora, se não quisermos ser desonestos a respeito de como os fenômenos foram interpretados, precisamos ser honestos a respeito de nossas emoções e torná-las conhecidas em nosso relato.

Gilbert (2001) sugere que ao invés de evitar as emoções, devemos fazer o uso consciente e inteligente das mesmas em prol de nosso processo de pesquisa. A autora acredita e defende que as emoções contribuem positivamente para o trabalho de pesquisa qualitativa e que o objetivo final desta deveria ser entrar no mundo do outro e enxergar

a vida por meio dos olhos desse outro. Compreendemos que tal exercício não pode ser apenas intelectual, “mas um processo de exploração e descoberta que são sentidos profundamente – ou seja, a pesquisa é experimentada intelectualmente e emocionalmente” (Gilbert, 2001:9).

Nesse sentido, lançamo-nos a uma escritura que aceitasse e revelasse nossos afetos e, para tanto, deixamos fluir um estilo textual mais fluido – mais autêntico.

2.3 Análise dos dados – descrição densa

Finalizamos o percurso metodológico esclarecendo a forma como elegemos analisar as percepções e os sentidos que nos afetaram no decurso do trabalho. Para este fim não seguimos uma técnica específica, até porque, como aponta Taquette (2016, p. 525) em qualquer técnica de análise, “a interpretação é a principal ação da pesquisa, está presente em todo o seu processo e constitui a parte essencial da análise”. Para a autora, “durante a coleta de dados a análise já está ocorrendo, diferente dos estudos quantitativos que só a iniciam após a finalização da pesquisa de campo” (Taquette, 2016:525).

Foi o que aconteceu conosco e, por esse motivo, entendíamos ser necessária uma forma de seleção e análise que não isolasse, mas congregasse. Não seria possível falar do todo de forma indiferenciada, porque perderíamos referências temporais importantes para a contextualização das vivências, mas também não poderíamos seguir ordem cronológica, porque deixaríamos escapar a dimensão subjetiva da pesquisa.

Assim, para a descrição das vivências que queríamos destacar, apoiamo-nos na sugestão de descrição densa, referenciada por Geertz (2008), segundo a qual é necessário escolher entre diversas estruturas de significação para então determinar sua importância.

Segundo o autor, o que o etnógrafo (pesquisador) enfrenta é uma “multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar” (Geertz, 2008:8).

Seguimos nossa pesquisa buscando ler o manuscrito das idosas observadas - inicialmente estranho, “desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (Geertz, 2008:8).

Cientes de que nossas interpretações eram de segunda ou terceira mão, porque não somos ainda idosos e porque falamos por alguém (e de alguém) que reside em um tempo e espaço diverso do nosso, construímos uma ficção em torno do processo de envelhecer, “que não se trata de falácia, mas de uma interpretação possível, por meio de descrições minuciosas, que ao invés de generalizar através dos casos observados, intenta generalizar dentro deles” (Geertz, 2008:18).

Afinal, como o próprio autor conclui “a análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa” (Geertz, 2008:20). Isso porque

o autor a considera uma ciência estranha, “cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta” (idem, 2008:20).

Pensamos que nosso percurso metodológico desdobrado em um estilo de escritura menos formal nos permitiu um aprofundamento nos meandros deste processo, um destrinchar dos movimentos do envelhecer, mas somente daqueles que nos fizeram sentido, que nos comoveram e construíram o enredo de nosso encontro – único.

3 | RESULTADO E DISCUSSÃO

A fim de explicitar melhor o estilo e o processo de escritura de nosso trabalho, transcrevemos abaixo parte do texto que se encontra no corpo da revisão de literatura sob a temática de – representações da velhice.

Meu avô materno faleceu com 75 anos de idade e minha avó materna, dois anos depois, aos 73 anos. Na recordação infantil guardo deles a imagem de ossos frágeis, pele fina e franzida, cabelos inteiramente brancos, passos arrastados, vagarosos e indecisos. Vovô exibia semblante risonho, mas estacado. Para levantar-se da cadeira de balanço carecia amparar-se no braço firme da neta de um lado e na maçaneta redonda da porta da cozinha de outro. Vovó, sempre sisuda, compunha-se de costas arqueadas, cabelos em coque e voz fraca, trêmula, quase sussurro.

Lembro-me, com espanto, do dia em que minha prima ligeira ou faceira, por pressa ou jeito menina, puxou a cadeira da vó antes da vó se sentar. A intenção era sentar-se ela, minha prima, mas não derrubar a vó... O fato é que a vó sentou - no vazio e se esborrachou de uma vez só. Foi um alvoroço geral. Minha prima correu para o quarto. Eu achei que a vó tinha morrido e que minha prima morreria em breve, de tanto apanhar. Ninguém morreu aquele dia, mas a vó, porcelana que era, causou grande comoção. Só se falou no ocorrido por meses, anos... Encostar na vó não podia, porque ela era bem velhinha, bem fraquinha, bem, bem... Derrubar a vó nem pensar! E minha prima derrocou.

Hoje meu sogro que já beira os 80 anos, senta-se com a neta no chão. Mamãe com 70 experimenta montanha russa e barco “viking”.

Os idosos mudaram? Ou as representações sociais que deles fazemos é que foi modificada? Cremos que ambas as respostas são positivas, até porque, nosso pressuposto teórico compreende as transformações a partir da imbricada relação sujeito/contexto social.

No trecho acima procuramos evidenciar a linguagem utilizada ao longo de nosso texto de doutorado. Ao discorrer sobre as representações da velhice em diferentes tempos e contextos, fora inevitável trazer meus avós – referências que tenho dos idosos de outrora.

Percebe-se que a linguagem utilizada não segue um rigor acadêmico, justamente pela impossibilidade de dizer deste fato e deste afeto de outra forma que não através de uma

narrativa permeada por elementos simbólicos que melhor descrevessem e aproximassem a situação vivida por mim e as impressões que desejava revelar. Como falar formalmente do dia em que minha prima “puxou a cadeira da vó”? E como desconsiderar tal afeto no momento em que eu escrevia sobre o ideário que se tem dos idosos de ontem e hoje? Seria eu desleal com meu processo de pesquisa e com as análises subjetivas que dele emergiram, uma vez que, ainda que eu não revelasse as emoções, elas estavam presentes e certamente afetavam minhas reflexões.

Ao nos utilizarmos dos recursos metafóricos para dizer da faceirice da menina e da fragilidade da vó, acreditamos ampliar as possibilidades de leitura de nossos dizeres, de nossas interpretações – abrindo múltiplos caminhos de compreensão – mais coerentes com a complexidade da vivência estabelecida entre pesquisador e pesquisa, o que não necessariamente implica em descuido metodológico, ou demérito científico, porque nos esforçamos em articular nossos afetos pessoais com a teoria e com as observações de nosso campo de pesquisa ao longo da escritura de toda a tese. Para exemplificar este movimento, transcrevemos abaixo a continuidade do trecho redigido anteriormente:

[...] As estudantes pulam, dançam, fazem folia. Para se ter uma ideia, uma professora da UATI, quando foi dar sua primeira aula na turma, “inventou” uma dança com troca de par. Quando a música parava, tinham que correr e trocar de parceira, a mais vagarosa, sobrava. E não é que na primeira corrida as alunas caíram no chão? Uma, depois a outra e assim sucessivamente, lá se foram todas.

Ah, se fosse no tempo da vó... Minha amiga podia não apanhar, mas seria despedida de certo, por justíssima causa. Ao contrário de uma catástrofe, as alunas acharam o ocorrido divertidíssimo. Talvez percebam no corpo as mesmas dores e incômodos que vovó sentia, porém, o sentido que se atribui ao fato é diferente de outrora. O que era significado como falta de respeito e indelicadeza, agora assume o sentido de diversão, descontração. Evidente que são situações completamente diferentes, as protagonistas de tais acontecimentos eram neta e vó de um lado e professora e estudantes de outro, os espaços eram familiar versus educacional, entre outras tantas diferenças que não terminaríamos de elencar.

Entendemos que diferentes contextos tornam distintas as produções de sentido e seria legítimo analisar cada uma das variáveis na situação da vó e das alunas para compreender suas distintas repercussões. No entanto, o que gostaríamos de ressaltar aqui é um aspecto em especial – o tempo em que aconteceram. Parece que há uma flexibilidade no zelo que se atribuía ao idoso de outrora e ao que se atribui ao idoso de hoje. Aquele de antes - frágil e poupado, e o de hoje - forte e incitado, o que nos leva a pensar que velhice é um termo impreciso, condicionado a um complexo de relações e contextos.

Como concordam diversos autores², a velhice não pode ser aprisionada em padrões

2 No texto da tese explicitamos e comentamos estes autores. Para o propósito do presente relato de experiência consideramos irrelevante falar dos mesmos.

biológicos e sociais estereotipados e/ou estagnados, uma vez que os símbolos a ela associados se modificam a depender do tempo, do espaço e das experiências vivenciadas por cada sujeito.

Da experiência para a teoria, da teoria para a experiência – ambas permeadas pelas observações que se realizava junto às estudantes da UATI – os vários planos a partir dos quais nosso conhecimento se estabelecia.

Conforme apontam Martins e Palmiéri (2008, p. 747) estes vários planos compreendem “as motivações mais profundas do pesquisador (inconscientes?), seus desejos, suas projeções pessoais, suas identificações, sua trajetória pessoal, etc.”. Desta forma, nossa implicação nos fez assumir que o conhecimento que se produzia era intersubjetivo e de acordo com os autores acima - “o conhecimento que se produz vai se estruturando na heterogeneidade implícita, no dinamismo das relações que se estabelecem entre pesquisador e pesquisado no curso da pesquisa” (Martins & Palmiéri, 2008:747). Pela existência da natureza pessoal e emocional implicadas na pesquisa, nós também nos tornamos “objetos” de observação.

Compreendemos assim a necessidade de reconhecer que “a produção de conhecimento implica um processo de ‘negociação’ entre as múltiplas referências que compõem o conjunto das representações de cada indivíduo envolvido no processo” (Martins, 2004:92). Falamos da vó, mas também dissemos das alunas e trouxemos autores que dialogavam com nossas ideias. No entanto, não nos deixamos presos ao formato da escrita acadêmica, mas soltos às reminiscências e às emoções, permitindo que elas comparecessem no texto no momento presente de nossos afetos.

Afinal, foram as emoções (moldadas por nossa experiência de vida) que orientaram nossas interpretações sobre o que experimentamos - emoções derivadas daquilo que nos afetava, porque nos fazia sentido (ou não).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experimentação de uma escritura com maior ousadia de implicação e menor medo de restrição, proporcionou a constituição de um texto em que as palavras não foram “concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, mas lançadas como explosões, vibrações, maquinarias, sabores” (Barthes, 1978:20). Por meio da linguagem literária, nosso saber de mundo possibilitou a reflexão sobre o saber acadêmico (e vice-versa) porque nos situou em lugares diferentes de fala – ora da pesquisadora, ora da neta, ora da professora.

Diferente da produção de um enunciado destituído de enunciador, buscamos construir um texto em que a enunciação revelasse, sem segredos, nossa posição e vibração, para tanto, foi necessário o rebentar das travas a fim de alcançar e aceitar a dimensão da pesquisa para além de procedimentos metodológicos – aquela das incertezas e do inacabamento.

Ao nos inscrevermos implicados na pesquisa e sem ordem rígida, experimentamos o sabor das experiências, o que demandou uma linguagem que nos acolhesse enquanto pesquisadores e escritores e cujo ingrediente indispensável fosse o sal das palavras – porque entendemos, como Barthes (1978, p.21), que é “esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo”.

Diante disto, compreendemos que a apropriação do conhecimento não foi uma observação passiva, mas atividade perceptiva em que a substância foi o próprio movimento do observado ou este em movimento. Nesse encontro intersubjetivo, houve dimensões não diretamente relacionadas aos aspectos teóricos ou metodológicos, mas circunscritas pela ordem do psíquico, do desejo, da vontade, que implicaram afetos nem sempre “dizíveis em nosso cotidiano acadêmico, mas que emergem durante a construção do conhecimento” (Martins, 2017:496).

O resultado foi um texto que não somente descreve e interpreta o observado, mas que se observa, se inscreve e busca contemplar a unidade do vivido - tecido de toda pesquisa.

Finalmente, acreditamos que nossa vivência ajuda a pensar a escrita acadêmica na direção da originalidade, da singularidade e da honestidade do pesquisador- o que entendemos ser um ganho tanto científico quanto social, especialmente porque contempla o conhecimento enquanto um agradável e significativo encontro entre afeto, conhecimento e poesia – verdadeira festa do saber.

REFERÊNCIAS

Ardoino, J.; Barbier, R. & Just-Desprairies, F. (1998) Entrevista com Cornelius Castoriadis. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: Editora da UFSCar, p. 50-72.

Ardoino, J. (1995) Multiréférentielle (analyse). In: _____. *Le directeur et l'intelligence de l'organisation: Repères et notes de lecture*, p. 7-9.

Barthes, R. (1978) *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix.

Benjamin, W. (1994) O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 7. ed. São Paulo: Brasiliense, p.197-221.

Geertz, C. (2008) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

Gilbert, K. R. (2001) Introduction: why are we interested in emotions? In: _____. (ed.) *The Emotional Nature of Qualitative Research*. Innovations of Psychology. CRC Press, p. 3-17.

Lourau, R. (1983). Genèse du concept d'implication, *Pour*, n. 88, p. 12-18.

Martins, J. B. (2017) Análise institucional e a questão da implicação, *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 488-499, jan. 2017. Recuperado em 08 fev. 2018 de <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/11442/12655>>.

Martins, J.B. & Palmiéri, M. W. A. R. (2008) Possibilidades e desafios da produção científica no campo da psicologia: algumas reflexões, *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 743-752.

Martins, J.B. (2004) Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais, *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, p.85-94.

Taquette, S. R. (2016) Análise de dados de pesquisa qualitativa em saúde, *Investigação qualitativa em saúde*, v.2, 2016. Recuperado em 19 mai. 2018 de <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/790>>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 66, 72, 102, 104

Antifeminismo 174, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

Aprendizagem 41, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56, 63, 64, 65, 67, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 85, 90, 113, 119, 122, 125, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 147, 149

Autoestima 49, 51, 64, 80, 169, 185, 187, 190, 192, 194, 195, 197, 199

B

Baralho do sono 61, 62, 68, 69, 70, 71

C

Captura 33, 150, 157, 158

Cidadania 74, 82, 84, 116, 139, 140, 145, 148, 161, 162, 171, 173

Conceituação 102, 103, 107, 112

Conflito 36, 43, 51, 112, 115, 135

Convívio 29, 75, 83, 115, 116, 141

Crianças 33, 44, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 80, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 116, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140

Críticas ao feminismo 174, 177

D

Democracia 115, 118, 161, 167, 171

Depressão 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 64, 190, 194, 195, 196

Desafios do movimento feminista 174, 177

Desenvolvimento infantil 61, 64, 70, 71, 127, 128

Destreza motora 86, 87, 98, 101

E

Economia solidária 161

Édipo 14, 18

Educação 12, 13, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 101, 102, 113, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 172, 176, 184, 185, 201

Educação nos presídios 40

Educação parental 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135
Ensino 27, 41, 45, 46, 47, 61, 69, 70, 71, 76, 81, 83, 85, 115, 117, 120, 121, 122, 130, 133, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 193, 201
Escola 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 61, 69, 70, 72, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 156
Escrita acadêmica 1, 11, 12
Escuta clínica 40, 45, 47
Estimulação 45, 123, 131, 132, 133, 134
Estranho 8, 14, 20, 25, 26

H

Histórico 7, 38, 85, 102, 112, 140, 153, 158, 162, 176, 180, 184

I

Implicação 1, 3, 5, 6, 7, 11, 13, 142
Infância 64, 65, 70, 72, 87, 113, 125, 126, 134

L

Leitura e escrita 48, 49, 50, 52
Linguagem infantil 86, 125, 134
Loucura 18, 58, 59, 60

M

Maternidade 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 177
Modelo integrado 123, 126, 134, 135
Mulher 23, 27, 50, 124, 130, 132, 135, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 187, 197

N

Narrativas de histórias 48

O

Otimismo 185, 187, 189, 190, 191, 192, 195, 197, 198

P

Pelbart 58, 59, 60
Periferias 74, 75, 76, 77
Pesquisa participante 1
Pessoas com deficiência 74, 75, 78, 79, 82, 83, 84, 85
Práticas educativas 123, 126, 132, 138, 142, 147

Profissionalização 74, 75, 78, 81, 82, 83
Protagonismo feminino 161, 162, 171, 172
Psicanálise 16, 27, 28, 35, 38, 39, 40, 44, 47, 48, 57, 200, 201
Psicologia educacional 137
Psicologia positiva 185, 187, 189, 190, 198, 199, 200
Psicopedagogia 48, 57, 201
Psicose 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 25, 26, 27, 35

R

Recurso psicoeducativo 61, 62, 68, 71
Relacionamento 45, 88, 119, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139

S

Sociedade 16, 19, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 42, 45, 47, 58, 59, 60, 62, 64, 72, 73, 77, 82, 83, 84, 85, 115, 116, 118, 121, 122, 137, 138, 147, 149, 150, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 165, 167, 168, 169, 171, 175, 179, 180, 182, 183, 187

T

TDAH 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113
Trabalho 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 14, 15, 16, 23, 24, 26, 36, 37, 38, 42, 44, 45, 48, 49, 50, 52, 53, 61, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 81, 83, 84, 85, 96, 102, 104, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 121, 124, 126, 133, 139, 140, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 155, 156, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 190
Transexualidade 185, 186, 187, 188, 197, 198
Transtorno do espectro do autismo 86, 87, 90

PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



facebook.com/atenaeditora.com.br

PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



facebook.com/atenaeditora.com.br